Liturgia como performance ritual?

Uma primeira aproximação

Márcio Pimentel

Sobre o conceito de *performance*

Performance é um conceito recente para um fato antigo[1]. Não obstante sua possível raiz latina ligada ao verbo *perfomare*, a palavra *performance* costuma ser classificada como um estrangeirismo oriundo do inglês. Essa palavra, no entanto, foi também recebida nesta língua, e conforme argumentam alguns estudiosos, teve como origem o francês *parfournir*, que por sua vez advém do verbo latino *perfunire.* Mas as palavras devem ser compreendidas dentro de um contexto pragmático, ou seja, relativo ao seu uso por um sujeito determinado. Deste modo, é bom esclarecer que empregaremos a palavra *performance* tendo como referência o mundo dos estudos antropológicos e das artes dramáticas (teatro). Ambas trabalham com o sentido etimológico de cumprir ou realizar algo de modo completo, o qual está também relacionado a tornar algo aparente, ou seja, a "dar forma", no sentido do verbo latino *conformare*[2].

Em se tratando de experiência religiosa, a fé faz-se e exprime-se mediante ações comunicativas – gestos, portanto – que costumamos denominar de "rito". Essas ações, esses ritos, mostram-se como um conjunto complexo de linguagens sobretudo não verbais (música e dança, mímica e expressões faciais, cores e odores etc.) e se dão como um processo pelo qual o ser humano simboliza. Ao fazê-lo, manifesta e dá forma a si mesmo, constrói relações com os demais e cria vínculos, institui regras de convívio, adapta o sujeito ao ambiente, ao tempo e orienta seu destino. O rito, portanto, é um tipo de *performance.*

Mas é claro que não existem apenas *performances* religiosas. As encontraremos no mundo dos esportes, do empreendedorismo, das artes cênicas e, mesmo, em nosso cotidiano. Na verdade, se seguirmos os estudos de E. Goffmann, por exemplo, descobriremos que estamos sempre "performando" a nós mesmos, o que fazemos quando assumimos papéis e entramos na dinâmica das relações sociais[3]. Todos os dias nós interpretamos "a nós mesmos" diante dos demais e junto com eles vamos dando forma à trama da história. Nela não temos expectadores, mas todos somos atores. Não há coadjuvantes, só protagonistas. Nesse processo, que tem característica originárias próprias da ritualidade, também vamos nos transformando e nos tornando quem somos.

Em nosso estudo, porém, o termo *performance* comparece como um dos modos mais aptos para tratar da experiência religiosa de caráter transformativo, seja ele permanente ou momentâneo[4]. Falaremos então de *performance ritual*, como maneira corporal de crer, como o mais típico e fundamental "ato de fé" pelo qual o fiel se constrói enquanto tal[5].

A intuição conciliar

Na Constituição Litúrgica do Concílio Vaticano II (SC) são nomeados os princípios para que se opere a reforma geral do mundo celebrativo católico romano e para que, com ela, a Igreja reencontre seu viço evangélico. Para tanto, os padres conciliares optaram por apresentar a Liturgia na sua mais genuína natureza, como parte do evento de salvação da qual ela mesma é mediação. O rito, na abordagem de SC 5-7 não é algo extrínseco e que possa ser separado do Mistério, como um instrumento para um fim que, depois de usado, pode ser posto de lado. Antes, é seu cumprimento, o modo pelo qual a obra divina se torna completa: "Para realizar tão grande obra, Cristo está sempre presente na sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas" (SC 7).

Para bem interpretar tal afirmação é preciso ter em consideração que a obra da salvação, que tem, na ação ritual da Igreja, seu momento de "perfeição", é a comunhão entre o humano e o divino, da qual o próprio Cristo é sacramento: "Em Cristo realizou-se plenamente a nossa reconciliação e nos foi dada a plenitude do culto divino" (SC 6). O princípio que sustenta essa afirmação foi formulado ainda na época patrística, recebendo o nome de "teandria". É sobre ele que se assenta a teologia narrativa de SC 5. Por "teandria" se entende a compenetração das duas naturezas de Cristo, a divina (tea-) e a humana (-andria), sendo que ambas atuam sempre conjuntamente na mesma pessoa. É só aparentemente um conceito difícil. Ele quer significar que a partir da encarnação, quando o Verbo se uniu à nossa humanidade, a sua divindade somente pode exprimir-se "mediante" a carne. Dessa forma, a vontade e as ações humanas de Cristo são sempre completamente obedientes ao divino. Padres da Igreja como Máximo, Confessor e João Damasceno foram "especialistas" nesse assunto. Eles interpretaram a encarnação como

o princípio de um processo pelo qual as pessoas humanas criadas por Deus poderiam participar da divindade, tendo a humanidade do Verbo como eixo[6].

A noção de "teandria" é descrita em SC 5: "quando chegou a plenitude dos tempos, enviou seu Filho, Verbo feito carne, ungido pelo Espírito Santo [...]. A sua humanidade foi, na unidade da pessoa do Verbo, o instrumento da nossa salvação". A palavra "instrumento" se justifica apenas pelo uso na teologia escolástica, da qual Tomás de Aquino é um dos mais notáveis, e era esta linguagem em voga oficialmente ainda nos tempos do Concílio. Mas o texto original dizia simplesmente "causa da nossa salvação", reverberando a teologia patrística, que assumia a humanidade de Cristo como fonte e condição da santidade possível ao ser humano. Isso tudo porque à humanização de Deus se segue, consequente e necessariamente, a divinização do humano.

Com isso, esclarece-se como a *Sacrosanctum Concilium* funda seu conhecimento de Liturgia na experiência de corpo que o Verbo assume ao encarnar-se. Se em Cristo a unidade com Deus lhe é conatural, nas demais criaturas humanas ela somente pode dar-se pela participação na sua humanidade. Dizia Máximo, Confessor: "Aquilo que Deus é na essência, as criaturas podem se tornar por participação"[7]. Seguindo esse raciocínio, a Constituição Litúrgica nos faz perceber que, com o Mistério Pascal de Cristo, a vontade e a atividade salvífica do Verbo se prolongará sacramentalmente na Igreja, especialmente através das celebrações, isto é, do exercício da ritualidade (cf. SC 6). Mediante as celebrações litúrgicas (= *performance* ritual), os fiéis, geração após geração, poderão experimentar e exprimir em seu próprio corpo (pessoal) e eclesial (a comunidade discipular) a comunhão com Deus da qual Cristo é promotor singular.

É nessa perspectiva que se toma o uso do verbo latino *perficere*, presente em SC 7, na frase: "Para realizar (*perficiendum)* tão grande obra Cristo está sempre presente na sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas". Essa frase, que reflete a luminosidade do ensino patrístico e eucológico dos primeiros séculos, poderia ser traduzida literalmente como: "Para cumprir plenamente" ou "Para levar a termo" tão grande obra etc. etc. Ou seja, ao ritualizar sua obra salvadora e entregá-la à Igreja, encarregando-a não só de anunciá-la, mas antes de tudo, de celebrá-la, Cristo Jesus deu-nos a possibilidade de participar de sua divindade, que é o "objetivo" da sua vinda entre nós. E porque ao celebrar nos orientamos na mesma vontade de Cristo (=intencionalidade), podemos, com certeza teológica, dizer que ele vem e se apresenta entre nós quando celebramos. O rito, portanto, é a maneira de participar de modo "perfeito" da ação de Cristo ou "na perfeição" do Corpo de Cristo.

A perfeição do Verbo no exercício cultual dos discípulos

A vida religiosa cristã funda-se e pauta-se na profissão de fé de um Deus que entrou na história através da encarnação do Verbo. Na verdade, Deus em seu Verbo encarnado fez-se história ao tornar-se histórico e possível se ser transmitido de maneira narrativa. A transmissão da fé é um contar e recontar a história de Jesus de Nazaré reconhecido como Messias prometido.

No entanto, narrar a fé não equivale à totalidade e complexidade do ato de fé e, por isso, o anúncio não é suficiente. A fé consta de conhecer a Deus, que dignou-se revelar humanamente, isto é, como carne ou corpo. Por essa razão, ainda que forme parte do processo de transmissão da fé, o anúncio se radica e alavanca na própria experiência de ser e fazer-se corpo. As coisas são assim para um cristão porque a Revelação cristã não se assenta no fato de Deus tornar-se humano para comunicar uma mensagem, mas no fato de a própria mensagem consistir em Deus tornar-se humano[8]. Por conseguinte, anunciar Cristo pela pregação do Evangelho não seria suficiente e, por isso, o mandato apostólico solicitava que o *querigma* se cumprisse no próprio "ouvinte". O realizar-se do *querigma* nos fiéis exigirá a forma ritual ou sacramental, ou seja, a celebração pela qual se permite aos fiéis imergirem no Mistério Pascal e formarem nele um só corpo (cf. SC 6).

Resgatemos o tema do "conhecimento de Deus", tomado como fonte bíblica para introduzir a discussão conciliar sobre a natureza da Liturgia. SC 5 se abre com um trecho de 1Tm 2,4, dizendo do desejo e prazer de Deus que os seres humanos o conheçam. Não é uma completa novidade essa operação dos padres conciliares de relacionar o "conhecimento" de Deus com a "experiência ritual". O Pseudo-Dionísio abre sua "instrução" sobre o Batismo exatamente do mesmo modo que aparece em SC 5, referindo-se à obra de salvação cumprida em Cristo[9].

De *perficere* a *performare*

O verbo em português "realizar" ou a expressão "levar a cumprimento" não são suficientemente claros para informar o que se dá quando celebramos, levando em consideração a base patrística e o uso litúrgico do original *perficere.* Em diálogo com as ciências humanas contemporâneas, como fizeram outrora os teólogos da patrística e da escolástica com o "mundo científico" de seu tempo, identificamos na palavra *performance* uma terminologia mais apta e eficaz para designar a prática ritual cristã no crivo do Concílio Vaticano II.

A *Sacrossanctum Concilium* enlaça dois verbos para fornecer sua compreensão sobre o fenômeno litúrgico: *perficere* e *exercere.* Depois de reconhecer que a humanidade do Verbo é princípio de

salvação que se prolonga na atividade apostólica da Igreja, sobretudo, nas celebrações litúrgicas, SC 7 afirma que a perfeição (*perficere*) da obra de Cristo atua enquanto forma ritual, de modo que a liturgia põe em andamento (*exercere*) no corpo da assembleia celebrante sua missão sacerdotal. O que chama a nossa atenção nesse modo de "conceituar" a Liturgia são as ideias de que:

a) A celebração é mediação necessária do Mistério. No rito, como dirá Piero Marini, se encontra a condição de sua experimentabilidade[10]; pela celebração o evento pascal alcança e cumpre-se no corpo dos fiéis, que, pondo-se em relação uns com os outros, estabelecem uma corporeidade eclesial; tem razão Claudio Pastro quando diz que a Liturgia é o Mistério pascal em nosso corpo[11].

b) Embora a primazia seja divina, a Liturgia é também ação humana. É obra de Deus no agir de homens e mulheres; é simultaneamente uma operação de Cristo e da Igreja;

c) A Liturgia é um "momento" de "perfeição" no interior da história humana, que é obra aberta, um contínuo devir; aparece o aspecto "subjuntivo" da ritualidade, pelo que um outro mundo se torna possível dentro dos parâmetros espaço-temporais que são ressignificados;

d) A presença de Cristo é apresentada como um acontecimento manifestativo, ligada à ação simbólico-sacramental dos fiéis; a forma ritual é epifânica. Em SC se lê, literalmente: "Para realizar obra tão grande Cristo "vem" à sua Igreja (*Christus Ecclesiae suae semper adest)*, especialmente nas celebrações litúrgicas".

Todas essas características da práxis celebrativa podem ser verificadas no uso da palavra *performance.* Os denominados "estudos de *performance*", que enlaçam uma constelação de ciências e saberes, como a Antropologia, as Artes, a Filosofia e a Teologia, veem no ato performático uma prática simbólica "encorporada" que se constitui também um tipo de conhecimento "no corpo"[12]. Um outro aspecto significativo é que, na *performance*, estão em diálogo o acontecer de uma obra que é acolhida por quem atua, de modo que não é seu autor imediato; de outro lado, porque não há *performance* sem o exercício corporal do ator, é uma obra que se pauta, também, na sua originalidade e criatividade. Com a forma ritual na Constituição Litúrgica se dá exatamente a mesma coisa. É obra de Cristo acolhida no corpo da Igreja e, simultaneamente, ação eclesial de índole simbólico-sacramental, reformável com o passar dos tempos, dada a necessária fidelidade ao sujeito humano-divino. Outro dado importante é o fato de a *performance* mostrar-se como o "tornar-se outro" ou entrar na dinâmica de um tempo-espaço diferenciado do cotidiano. Na *performance* quem atua tem a possibilidade de ser diferente, de transformar-se temporária ou permanentemente. O rito tem estas mesmas características.

Para continuar a conversa

Com esta pequena contribuição, quisemos introduzir a discussão sobre a Liturgia renovada pelo Concílio Vaticano II tomando como referência o fato de ela configurar-se um agir; mais especificamente, o agir de Cristo no corpo da Igreja, uma *performance ritual,* portanto. A Liturgia, dessa forma, surge como um agir simbólico que integra Cristo e a assembleia como um só sujeito humano-divino (dizia Vagaggini que com a Páscoa não se pode mais separar Cristo dos cristãos)[13]. Cabe-nos desenvolver, aprofundar e ampliar esta conversa, verificando sobretudo suas implicações no campo da educação litúrgica em nossas comunidades.

Márcio Pimentel é presbítero da Arquidiocese de Belo Horizonte e membro da Celebra – Rede de Animação Litúrgica. Mestre em teologia pela FAJE e doutorando em Liturgia pelo Istituto di Liturgia Pastorale / Abbazia di Santa Giustina (Padova).

---

[1] É fundamental a opinião de Diana Taylor ao afirmar que "a ideia de que a performance destila uma verdade mais 'verdadeira' do que a própria vida remonta a Aristóteles, passa por Shakespeare e Calderón de la Barca, por Artud e Grotowski, e ecoa no presente." (DAWSEY, J. C.; MÜLLER, R. P.; HIKIJI, R. S. G.; MONTEIRO, M. F. M. *Antropologia e Performance*: ensaios na pedra. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2013. p. 11).

[2] Cf. "PERFORMO". In: AEGIDIO FORCELLINI, *Lexicon Totius Latinitatis*. Tomo III, p. 647; tb. "PERFORMATIO"; "PERFURNIRE", In: *Glossarium mediae et infirmae latinitatis*. DOMINO DU CANGE, Edición Paris, 1883, Tomo VI, p. 272-273. Cf. tb. TURNER; V. *Dal rito al Teatro.* Bologna: Il Mulino, 1986. p. 166. Nossa opinião é que o termo *performance* conforme o empregamos hoje, combina elementos de *performare* e de *perfournire*. Em nosso estudo, é interessante verificar que este último (*perfournir)* é apresentado no Glossarium como sinônimo de *perficere,* verbo escolhido em *Sacrosanctum Concilium 7* para discorrer sobre o conceito de Liturgia.

[3] Cf. GOFFMANN, E. *La vita quotidiana come rappresentazione*. Bologna: Il Mulino, 1969. p. 11-28.

[4] Cf. TURNER, V. *Antropologia dela performance*. Bologna: Il Mulino, 1993, 149. Cf. tb. SCHECHNER, R. Ritual. *In*: LIGIÉRO, Z.. *Performance e antropologia de Richard Schechner*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012. p. 70-72.

[5] Conferir a opinião dos organizadores da obra *Antropologia e Performance* (nota 1) sobre o artigo de Denise Morais Pimenta: "Esboço para uma antropologia dos corpos que creem: a experiência de uma romaria" (*In*: DAWSEY; MÜLLER; HIKIJI, op. cit, p. 117-127).

[6] Cf. FROSINI, G.; VACCARO, A. *Admirabile Commercium*: la divinizzazione nei Padri della Chiesa. Firenze: Le Lettere, 2020. p. 237--266.

[7] MASSIMO CONFESSOR. *Capita de Caritate 3,25,* PG 90,273.

[8] Cf. BONACCORSO, G. L'uomo che celebra: il rito e i «sensi». *Rivista di Pastorale Liturgica*, Brescia, 284 (2011), p. 5.

[9] Cf. PSEUDO-DIONÍSIO. *La Jeraquia Eclesiastica,* II.2,1.

[10] Cf. MARINI, P. Prospettive per uma pedagogia della fede celebrata. *Rivista Liturgica*, Padova 97 (2010), p. 438.

[11] Cf. PASTRO, C. *O Deus da Beleza*. São Paulo: Paulinas, 2012, 32.

[12] Cf. TAYLOR, D. Traduzindo performance. *In*: DAWSEY; MÜLLER; HIKIJI; MONTEIRO, op. cit., p. 13-14.

[13] Cf. VAGAGGINI, C. *O sentido teológico da Liturgia.* São Paulo: Loyola, 2009. p. 398.